

## Avança o desemprego no setor do turismo brasileiro em junho

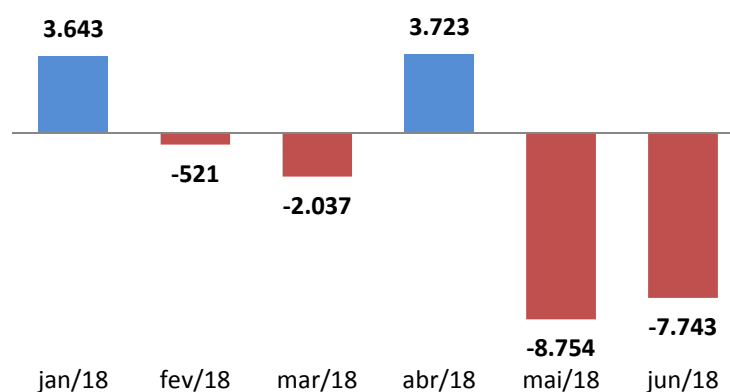
*As atividades turísticas brasileiras fecharam 7.743 postos de trabalho em junho com ajuste sazonal. A situação mostra a continuidade do fechamento de vagas ocorrido em maio e as perdas que os negócios do turismo vêm sofrendo.*

Pesquisa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) sobre os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) de junho revelou que os serviços ligados ao turismo continuaram amargando prejuízos, uma vez que se manteve a tendência do desemprego de maio. Se em junho as demissões chegaram a 7.743, em maio o número de desempregados foi um pouco maior, atingindo 8.754 trabalhadores. Nesses dois meses, o desemprego acumulou 16,5 mil pessoas, reflexo do tamanho do ajuste de diminuição de custos que as empresas realizaram.

Em face das demissões, a recuperação das atividades turísticas demandará tempo e esforço, pois o ritmo da retomada do crescimento da economia brasileira encontra-se lento, em um cenário de incertezas políticas.

As decisões das famílias foram afetadas por situações que contribuíram para diminuir os gastos com serviços relativos ao turismo, como a greve dos caminhoneiros e a inflação deflagrada pelo choque de oferta, reflexo da greve, além da alta da conta de luz e dos preços dos combustíveis e, por extensão, o baque da produção industrial e a desorganização dos mercados.

**Gráfico 1 – Evolução do mercado de trabalho no turismo em 2018**



Fonte: Caged. Elaboração: Divisão Econômica-CNC.

O resultado entre admissões/demissões no primeiro semestre atingiu -11.689, menor do que o verificado no mesmo período do ano passado (-13.061). Em 2016, a economia do turismo brasileiro gerou 37.392 novos postos, apesar da recessão. Isso ocorreu porque as empresas do setor de serviços demoraram a reduzir o contingente de pessoal.

O estudo da CNC apontou que o desemprego em junho se disseminou, *varrendo* todas as regiões, com destaques para Sul (-2.049) e Sudeste (-3.853). Nos sete estados que compõem as duas áreas, o Espírito Santo foi a exceção, onde o emprego cresceu com pouca expressão (+10 pessoas).

Por força do desequilíbrio fiscal e das dificuldades empresariais inerentes à onda de violência, o desemprego prevaleceu no Rio de Janeiro (-2.244), seguido de São Paulo (-1.456), estado mais populoso e com maior renda per capita.

Em junho, poucos estados registraram superávit na conta emprego no turismo: Amazonas (152), Maranhão (53), Mato Grosso (33) e Goiás (67). O Ceará ficou em primeiro (479). Ajudam a explicar: o clima, as condições naturais e os efeitos benéficos do investimento, tanto privado quanto público.

De janeiro a junho de 2018, apesar do resultado negativo (-11.689), o emprego foi puxado pela movimentação do mercado de trabalho de São Paulo (+7.656). Em contraposição, o Rio de Janeiro foi o estado que mais cortou oportunidades de trabalho (-6.968). Mesmo fenômeno se repetiu em 12 meses, quando se compara junho/18 com junho/17. São Paulo foi o local onde o nível de emprego mais avançou; enquanto as empresas turísticas localizadas no Rio de Janeiro foram as mais afetadas pela queda das vendas.

**Tabela 1 – Geração de emprego por estado**

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	2017		2018		
			MÊS	NO ANO	EM 12 MESES
	<i>dez 2017</i>	<i>dez 2016</i>	<i>jun 2018</i> <i>mai 2018</i>	<i>jun 2018</i> <i>dez 2017</i>	<i>jun 2018</i> <i>jun 2017</i>
<b>Brasil</b>	-9.761		-7.743	-11.689	1.372
<b>Norte</b>	<b>-1.611</b>		<b>-304</b>	<b>-540</b>	<b>-645</b>
Rondônia	20		-71	-61	110
Acre	-163		-16	-109	-236
Amazonas	205		152	212	327
Roraima	46		-14	-2	72
Pará	-1.763		-316	-729	-1.085
Amapá	199		-25	71	115
Tocantins	-155		-14	78	52
<b>Nordeste</b>	<b>-204</b>		<b>-943</b>	<b>-4.590</b>	<b>1.414</b>
Maranhão	278		53	187	391
Piauí	627		0	356	923
Ceará	836		479	-275	764
Rio Grande do Norte	-91		-112	-637	-63
Paraíba	-85		-41	-139	-293
Pernambuco	-512		-168	41	1.428
Alagoas	47		-81	-572	-182
Sergipe	10		-117	-403	-387
Bahia	-1.314		-956	-3.148	-1.167
<b>Sudeste</b>	<b>-10.715</b>		<b>-3.853</b>	<b>-758</b>	<b>-1.965</b>
Minas Gerais	126		-163	-1.571	-857
Espírito Santo	246		10	125	483
Rio de Janeiro	-19.361		-2.244	-6.968	-12.272
São Paulo	8.274		-1.456	7.656	10.681
<b>Sul</b>	<b>1.400</b>		<b>-2.049</b>	<b>-8.308</b>	<b>1.115</b>
Paraná	1.405		-580	-283	492
Santa Catarina	1.258		-1.006	-5.675	823
Rio Grande do Sul	-1.263		-463	-2.350	-200
<b>Centro-Oeste</b>	<b>1.485</b>		<b>-594</b>	<b>2.507</b>	<b>1.569</b>
Mato Grosso do Sul	-551		-126	223	-589
Mato Grosso	315		33	606	336
Goiás	2.018		67	990	1.983
Distrito Federal	-297		-568	688	-161

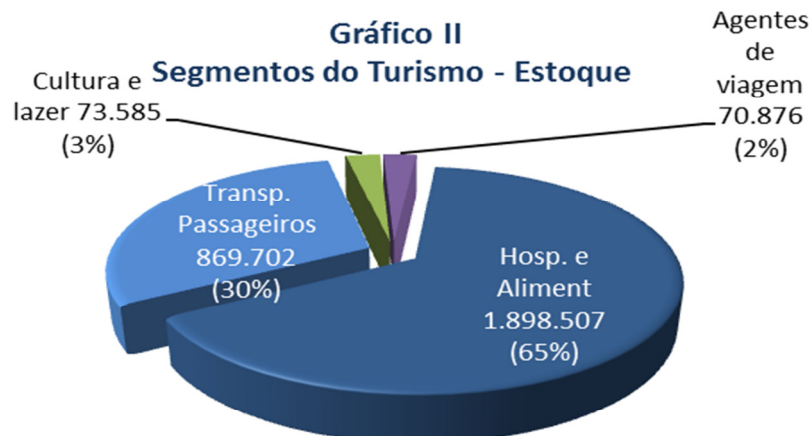
Fonte: Caged. Elaboração: Divisão Econômica-CNC.

A produção de emprego no turismo foi pouco significativa. Agentes de viagens (+71) e cultura e lazer (+49), assim como locadoras de veículos (+33) e empresas aéreas de transporte de passageiros (+305) e ferrovias (+111), foram os segmentos que mais empregaram. Contrariamente, hospedagem e alimentação impulsionaram o desemprego (-6.269). Em 12 meses, verifica-se uma situação favorável, ainda na esteira do crescimento da economia no ano passado e no primeiro trimestre/18.

**Tabela 2 – Geração de emprego no turismo brasileiro por segmento**

Segmentos do Turismo	2017		2018	
		MÊS	NO ANO	EM 12 MESES
	<i>dez 2017</i> <i>dez 2016</i>	<i>jun 2018</i> <i>mai 2018</i>	<i>jun 2018</i> <i>dez 2017</i>	<i>jun 2018</i> <i>jun 2017</i>
Hospedagem e alimentação	4.137	-6.269	-11.916	9.149
Hotéis e similares	-595	-1.355	-7.467	2.183
Restaurantes e similares	4.732	-4.914	-4.449	6.966
Transportes de passageiros	-14.487	-1.594	622	-8.316
Ferroviário	-1.012	111	970	38
Rodoviário	-17.946	-2.050	-4.286	-14.918
Marítimo	167	7	107	225
Aéreo	1.066	305	-4	1.527
Locadoras de Veículos	3.238	33	3.835	4.812
Agentes de viagens	1.581	71	1.227	1.962
Cultura e lazer	-992	49	-1.622	-1.423
Serviços culturais	-866	-7	-102	-1.060
Outros serviços de lazer	-126	56	-1.520	-363
<b>Total Turismo</b>	<b>-9.761</b>	<b>-7.743</b>	<b>-11.689</b>	<b>1.372</b>

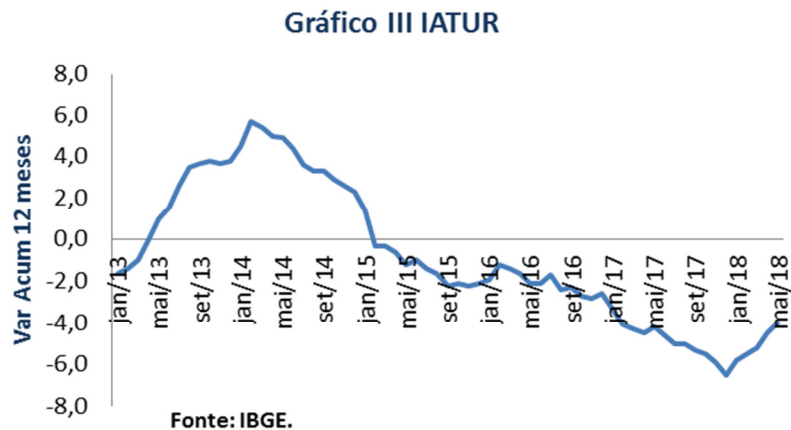
Fonte: Caged. Elaboração: Divisão Econômica-CNC.



Fonte: Caged. Elaboração Divisão Econômica-CNC.

O contingente expressivo de mão de obra alocada em hospedagem e alimentação (65%) e transporte de passageiros (30%) infere que o desempenho da empregabilidade do turismo depende sobremaneira do comportamento destas atividades. Embora as outras também sejam muito relevantes para a evolução do setor.

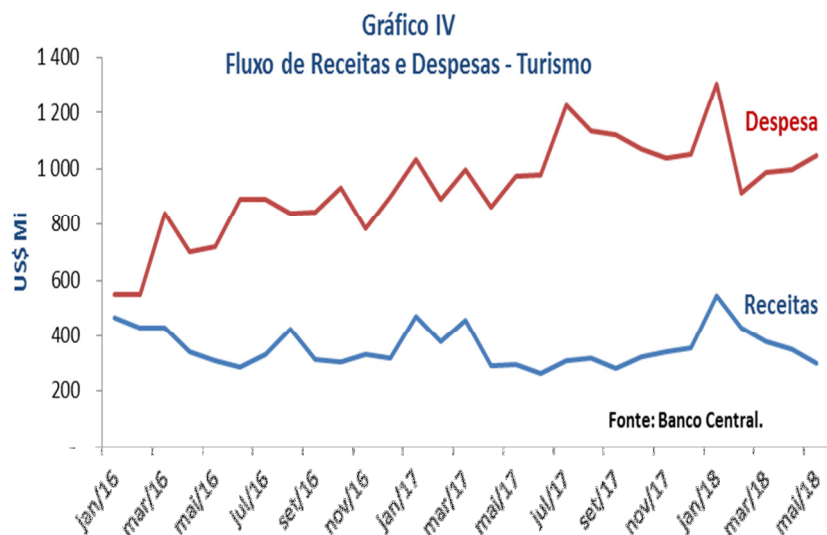
Desde janeiro/13, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) vem medindo o desempenho do setor através da variação do volume das atividades em 12 estados. Em maio, os únicos dados positivos de vendas reais advieram do Ceará



(0,9%) e Pernambuco (1,5%). As maiores variações negativas ocorreram no Espírito Santo (-3,6%), Rio Grande do Sul (-4,1%), Bahia (-4,9%) e Distrito Federal (-5,0%).

A partir de 2015, as atividades do turismo começaram a apresentar perdas acumuladas em 12 meses graças à recessão. No entanto, do último trimestre de 2017 até maio deste ano, os prejuízos começaram a ser mitigados devido à reativação da economia. Apesar da tendência, os indicadores da empregabilidade mostram a fragilidade do setor diante da conjuntura, sugerindo lentidão do processo de crescimento das atividades turísticas.

Neste ano, o dólar subiu pouco mais de 18,0%, atrapalhando as escolhas das famílias ao onerar o custo da viagem internacional. Por outro lado, a desvalorização do real tem estimulado a vinda de turistas estrangeiros. Isso só não acontece na mesma proporção do ganho de poder



aquisitivo cambial devido à disseminação da violência no País, o que faz com que os estrangeiros escolham visitar outros países.

Mesmo assim, em janeiro o País obteve US\$ 546 milhões de receita oriunda do resto do mundo; enquanto, em maio, o montante passou para US\$ 300 milhões.

## **Conclusões e perspectivas**

Por serem intensivas no uso da mão de obra, as atividades voltadas para os serviços do turismo sofreram perdas em junho. Isso gerou demissões (7.743), retratando a continuidade da situação observada em maio, quando os cortes atingiram 8.754 vagas de trabalho.

De certa forma, o consumidor nacional revelou-se cauteloso em virtude da baixa confiança com relação à economia. Além disso, a retração do mercado de trabalho junto com a alta da inflação e a baixa confiança para o consumo desaceleraram vendas das atividades do setor.

No curto prazo, a melhora do setor vai depender do otimismo dos consumidores quanto às perspectivas do mercado de trabalho, à estabilidade dos preços e à folga para gastos novos nos orçamentos. Também vai depender da capacidade de a economia voltar a crescer. Enquanto isso não acontece, o emprego no setor continuará sofrendo as oscilações da conjuntura econômica, retrato do desempenho das empresas do setor.